

A PERCEPÇÃO DE AGRICULTORES FAMILIARES SOBRE O SEU FAZER NO CAMPO E O ADOECIMENTO PSÍQUICO

Jaíne Stein*
Tânia Regina Aosani**

RESUMO

Nesta pesquisa teve-se por objetivo conhecer a percepção de agricultores familiares sobre o seu fazer no campo e o adoecimento psíquico, compreendendo as principais dificuldades vivenciadas e as estratégias de enfrentamento desenvolvidas em relação ao seu trabalho cotidiano. A pesquisa foi realizada por meio do método qualitativo, no qual se busca compreender os significados e as características situacionais, bem como descrever e analisar experiências mediante reflexões, discutindo-se as vivências pessoais e coletivas do grupo. Como técnica de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada, elaborada previamente pelo pesquisador. Os participantes da pesquisa foram dez agricultores, de ambos os sexos, entre as idades de 45 e 50 anos que residiam e trabalhavam em suas propriedades rurais no município pesquisado, este do Extremo-Oeste catarinense. Por meio desta pesquisa, compreendeu-se que a percepção dos agricultores sobre o seu trabalho no campo é positiva, e a maneira como enfrentam as suas dificuldades diz respeito às estratégias por eles inventadas ao longo de suas histórias de vida e adversidades enfrentadas no campo. Existe a dificuldade de se reconhecer e se relacionar questões emocionais com o adoecimento físico ou psíquico, questão esta decorrente de um contexto histórico de vida e de formação subjetiva.

Palavras-chave: Agricultura familiar. Adoecimento psíquico. Qualidade de vida.

1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar, por meio da produção de alimentos, contribui para o desenvolvimento de muitos municípios da região. No caso de Santa Catarina, a região do Extremo-Oeste é uma das maiores produtoras de alimentos e movimenta a economia do Estado. Atualmente, a realidade de muitos agricultores é complexa, exige o desenvolvimento constante de suas propriedades, investimentos em tecnologias de valor alto, tendo como aspectos principais a sustentabilidade e a ampliação da propriedade.

O setor agrícola é fonte de renda de muitas famílias no País, principalmente a agricultura familiar. Contudo muitas destas estão deixando a atividade rural por dificuldades quanto ao incentivo financeiro, à valorização de seus produtos, à mão de obra, em razão dos baixos salários, das más condições de trabalho, que, por vezes, exige horas intensas e rotinas diárias desgastantes, bem como a dependência em relação às condições climáticas para o sucesso de sua produção. Nesse sentido, também, é constante o adoecimento mental, desde transtornos menores e graves, até distúrbios psicológicos como depressão e suicídio, configurando-se aspectos que confirmam a urgência da atenção a esse setor na atualidade.

Muitos desses agricultores recebem orientações sobre a prevenção de doenças causadas por produtos químicos, sobre o clima, ambiente em que trabalham, mas pouco se tem publicado sobre as questões subjetivas que envolvem esse contexto de vida. A especificidade do trabalho no campo reserva algumas características muito próprias da área rural, como o aspecto familiar, tanto no que se refere ao modo produtivo quanto à unidade domiciliar em que predominam

* Graduando do Curso de Ciências Biológicas do Programa de Iniciação Científica da Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; jainestein@yahoo.com.br

** Pós-graduada em Saúde Mental e Coletiva e Psicologia Hospitalar pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Mestranda em Ciências da Saúde pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó; Professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; tania.aosani@unoesc.edu.br

relações de parentesco e consanguinidade, bem como às relações dessas famílias ou unidades produtivas com o ambiente social e econômico.

Uma vez que vivem simultaneamente no contexto do lar, família e trabalho, a questão do lazer também é algo restrito; em razão da atividade que exercem o contato com os amigos ou vizinhos é limitado. Em sua maioria, as famílias que trabalham com a agricultura familiar ficam restritas às atividades diárias do trabalho, algumas por muito tempo convivendo apenas com quem reside na mesma casa. Essa dificuldade de convívio social, de tempo para o lazer pode prejudicar o estado emocional desses agricultores, desencadeando possíveis adoecimentos psíquicos.

O cotidiano de incertezas diante da dependência do agricultor às condições climáticas, econômicas, alterações sobre o preço de seus produtos são outros fatores que alteram as suas condições de vida e saúde. Todos os anos, a cada novo investimento financeiro na propriedade, há também um investimento que é emocional, de esperança e expectativa diante da produção. Nesta pesquisa buscou-se conhecer, a partir da perspectiva de agricultores familiares de um município do Extremo-Oeste catarinense, a percepção sobre o seu trabalho no campo procurando-se identificar possíveis fatores de adoecimento psíquico decorrentes dessa vivência e compreender as principais dificuldades vivenciadas, bem como as estratégias de enfrentamento desenvolvidas por eles em relação às adversidades do cotidiano.

A agricultura familiar pode ser entendida como o cultivo da terra realizado por pequenos proprietários rurais, tendo como mão de obra, essencialmente, o núcleo familiar. Segundo Wanderley (1996, p. 21),

A agricultura familiar trata-se de um termo genérico que abarca uma grande diversidade de formas sociais as quais têm em comum entre si o fato de que a família, ao mesmo tempo em que detém a propriedade dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo.

Ao se falar em agricultura familiar, está-se falando do grupo familiar como um todo (homens e mulheres), pais e filhos, crianças, jovens, adultos e velhos que vivem em uma realidade com características importantes: do ponto de vista econômico, a agricultura familiar tem uma produtividade, por área plantada, e uma absorção de mão de obra maior do que nos grandes estabelecimentos rurais; as pequenas e médias propriedades rurais são responsáveis, na maior parte, pela produção dos mais variados produtos agrícolas, em particular, dos produtos agropecuários da cesta básica da população brasileira (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

Segundo Silva (2012), os produtores em geral necessitam de um assessoramento administrativo, visando maior geração de renda na unidade de produção, fazendo com que haja um domínio sobre a prática, e que o negócio se desenvolva. Quanto ao futuro, questiona-se sobre o espaço rural já que está gradualmente sendo urbanizado, e, conseqüentemente, há uma tendência de pessoas mais jovens deixarem o meio rural em busca de outras condições de vida. Muitos são incentivados pelos pais a irem trabalhar no meio urbano, por se ter a crença de que pode ser um espaço melhor de vida (POLETTI; GONTIJO, 2013).

Os agricultores não têm feriados, férias, e suas vidas são governadas por forças imprevisíveis, como tempo, problemas com animais, equipamentos e doenças. Os agricultores são, talvez, o único grupo no qual o trabalho está intimamente ligado a muitos aspectos da vida familiar ao longo de diversas gerações.

Percebe-se que as dificuldades no trabalho são maiores para os agricultores familiares que não possuem tantas condições de adquirir ou investir em novos equipamentos tecnológicos, como maquinários, obrigando-os a continuarem seu trabalho a partir do uso da mão de obra familiar (POLETTI; GONTIJO, 2013). A complexidade e a heterogeneidade da agricultura familiar se revela, principalmente, no cotidiano de sua existência, por meio das relações sociais vividas no âmbito das comunidades locais, em que os fatores que aproximam e diferenciam as pessoas entre si indicam a existência entre eles de avaliações e expectativas distintas sobre os limites e possibilidades da agricultura familiar como forma de organizar a vida produtiva e social a partir de um pedaço de terra disponível para viver (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

O agricultor é o dono e o responsável pelo próprio negócio, determinando, assim, as suas horas de trabalho e podendo, então, decidir a sua própria carga horária. No caso do agricultor familiar, conforme Echternacht (1998), não existe uma prescrição de suas tarefas, ou seja, o trabalho a ser realizado não é delimitado. Mas, pode existir uma demarcação de tempo que está ligada à sazonalidade e a condições meteorológicas, além de uma limitação de meios para realizar suas atividades. Nesse sentido, a carga de trabalho do agricultor familiar pode estar vinculada ao seu próprio compromisso com o campo.

2 O ADOECIMENTO PSÍQUICO

Um transtorno mental é uma síndrome ou um padrão psicológico de significação clínica, que costumam estar associados a um mal-estar ou a uma incapacidade. Nesse sentido, convém destacar que uma doença mental é uma alteração dos processos cognitivos e afetivos do desenvolvimento, que se traduz em perturbações em nível do raciocínio, do comportamento, da compreensão da realidade e da adaptação às condições de vida.

Conforme Holmes (2009), os transtornos mentais podem ser ocasionados por fatores biológicos (sejam estes genéticos, neurológicos, etc.), ambientais ou psicológicos. Por isso, requerem uma atenção multidisciplinar que permita melhorar a qualidade de vida da pessoa. Os transtornos mentais constituem um dos mais sérios e desconcertantes problemas na civilização ocidental. As doenças mentais, o sofrimento psíquico podem atingir a todos nós em algum momento da vida.

Para Poletto e Gontijo (2013), analisando as definições, pode-se afirmar que a saúde mental é o equilíbrio entre os aspectos sociais, físicos, espirituais e emocionais. É como as pessoas percebem a si mesmas, a sua vida e as outras pessoas, como avaliam seus desafios e problemas e como exploram suas escolhas.

No contexto social, o sofrimento psíquico é visto com preconceitos, na sua grande maioria, pela falta de informações sobre o assunto. Aspectos psicossociais, geralmente, são negligenciados pelos indivíduos os quais procuram correlacionar os sintomas com outra doença de causa orgânica. Também existe uma dificuldade da família em reconhecer o adoecimento ou sofrimento psíquico em algum membro; muitos não aceitam e/ou têm vergonha que outras pessoas saibam que na família existe uma pessoa com doença mental. Assim, é importante trabalhar para desmistificar preconceitos e esclarecer o que é o adoecimento psíquico e quais são as suas causas.

Reconhecer e aceitar a doença psíquica faz a diferença, pois o tratamento é entendido como necessário e essencial para a melhora da qualidade de vida de pacientes e familiares. Porém, o sucesso do tratamento está diretamente relacionado a como o paciente compreende sua doença e ao que pode fazer a partir disso. Para tanto, precisa-se falar mais a respeito dos transtornos mentais, assim como disseminar um número maior de informações a respeito deles, auxiliando a população a se prevenir e a evitar o desenvolvimento de muitas dessas doenças; quanto antes se tem um diagnóstico de transtorno mental, melhores são os prognósticos para o tratamento.

3 MÉTODO

Foi desenvolvida uma pesquisa com abordagem qualitativa, em que se teve por intuito descrever e analisar experiências por meio de reflexões, discutindo-se as vivências pessoais e coletivas do grupo pesquisado. A pesquisa qualitativa deriva do termo qualitativo, que, para alguns autores, como Minayo (2012) e Denzin e Lincoln (2006), expressa a ênfase sobre as qualidades e universos de significados (motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes) que não são medidos ou examinados de forma experimental em termos de quantidade, como volume, intensidade ou frequência. Assim, constroem-se sentidos e conceitos para que se possa ordenar os objetos e processos sob o melhor recorte.

A pesquisa foi desenvolvida com dez agricultores familiares, com idade média entre 45 e 50 anos, de ambos os sexos, em sua maioria com escolaridade até a 8ª série (Quadro 1), que foram selecionados por conveniência a partir da lista de agricultores com cadastro ativo na Secretaria Municipal de Agricultura do município pesquisado. O município se localiza na região do Extremo-Oeste catarinense e conta com uma população, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010) de 9.016 habitantes, tendo como aspectos econômicos na agricultura a produção de milho, soja, feijão e fumo e pecuária com suínos, bovinos, aves e gado leiteiro.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa sendo aprovada com Parecer n. 1.337.096/2016. A fim de manter o sigilo e os cuidados éticos na pesquisa, os participantes foram identificados como: A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9 e A10.

Quadro 1 – Características dos participantes da pesquisa

Participante	Idade (anos)	Sexo	Principal Renda
A1	48	Masculino	Gado de leite
A2	45	Feminino	Gado de leite
A3	49	Masculino	Gado de leite
A4	46	Masculino	Gado de leite suínos
A5	48	Masculino	Gado de leite e gado de engorda
A6	48	Feminino	Gado de leite e gado de engorda
A7	47	Feminino	Gado de leite, gado de engorda e aviários
A8	50	Feminino	Gado de leite
A9	49	Masculino	Gado de leite
A10	45	Masculino	Aviários

Fonte: os autores.

A coleta de dados foi realizada com os agricultores participantes, após o aceite e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por meio de uma entrevista semiestruturada elaborada previamente pelo pesquisador. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e analisadas por meio do método da análise de conteúdo de Bardin (2011), que é composta por três fases: a pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao se realizarem as entrevistas com os agricultores familiares, percebeu-se que, para eles, não existe uma relação direta entre o adoecimento psíquico e o seu trabalho na agricultura familiar. Há características de adoecimento presentes no discurso dos agricultores, mas a dor, seja ela emocional ou física ou o conjunto delas, é difícil de ser reconhecida por eles. Mas, afinal, o que é estar doente? Muitos acostumados a viver com a dor anos após anos como parte de suas vidas, alguns não procuram tratamento, fazer exames ou consultas, pois assumir essa dor, talvez, descobrir-se doente significaria parar de trabalhar na agricultura e a perda da sua identidade.

Para muitos, falar sobre si foi um desafio, difícil de expressar o que sentem como afirma um participante: “[...] eu nunca tinha parado para pensar nisso [...]” (A9, informação verbal).” Falar sobre o trabalho no campo, escolhas, como vivem na agricultura os fez lembrar quem são e da história que vivenciam.

Para Amaro e Sass (2012, p. 7), entende-se, aqui, que o homem, ao adoecer, revela na sua própria doença características do seu modo de ser, de acordo com suas necessidades e possibilidades, o que não deixa de apontar para as marcas sociais em seu psiquismo.

Os participantes relataram dificuldades em relação ao seu trabalho, mas que, este com o passar dos anos, melhorou; na maioria dos casos, tem melhorado muito. Como aponta Wanderley (1996, p. 21), o trabalho no campo reserva algumas características muito próprias da área rural, como o aspecto familiar. Todos os participantes trabalham na agricultura desde a infância e ajudaram seus pais na construção dos bens que possuem hoje, sendo motivo de muito orgulho ter continuado a tradição da família. Embora a agricultura reserve as adversidades do clima e as alterações da economia em relação ao preço de seus produtos e, com isso, as incertezas sobre a renda, para eles, estar no campo não é somente um trabalho, mas uma forma de vida.

Conhecimentos, costumes passados de geração em geração, não se sabe se estar na agricultura atualmente foi uma escolha de vida ou a única possibilidade existente na época. Todos os entrevistados assumiram responsabilidades desde muito jovens, em torno de dez anos de idade. O acesso à educação também era precário; geralmente, estudavam até a quarta ou a oitava série, em razão das dificuldades de acesso presentes na época, como a falta de transporte, as necessidades da família, do sustento, faziam com que muitos não pudessem escolher sobre seu próprio destino; faziam o que era possível para a época. As responsabilidades assumidas desde a infância contribuem para a formação e percepções de quem são hoje, a vida sofrida que levaram traduz o sentimento de pertencimento a um lugar e a uma história.

Existe uma preocupação em dar aos filhos o que eles não puderam ter, no sentido de escolhas, oportunidade ao estudo, incentivando eles a buscarem conhecimento, aquilo que foi negado a eles por um contexto histórico e social, como se verifica nos relatos: “Era muito longe e precisava ajudar a trabalhar em casa, cuidar dos irmãos mais novos, e desde pequeno, uns 13, 14 anos, já tava trabalhando na roça” (A6). “Naquela época era muito difícil; nós tinha que ajudar na agricultura nossos pais, daí eu parei de estudar [...]” (A4) (informações verbais).

Como se pode perceber, o trabalho na agricultura é a identidade pessoal e social dos participantes, característica da família, contexto de vida único e que foi construído com o enfrentamento de muitas adversidades, sejam elas econômicas, climáticas, sejam cargas intensas de trabalho braçal, homem e mulher, família, assumindo a responsabilidade pela propriedade no trabalho e na gestão. Estão conscientes que a agricultura traz qualidade de vida, mas a partir de suas experiências de vida há a preocupação sobre a escolha dos filhos, por um trabalho que seja menos penoso: “[...] eu sempre digo que a agricultura é uma segunda opção.” (A10). “É melhor elas irem através do estudo. Antigamente não podia não tinha como estudar, não tinha como e nem oportunidade [...]” (A6). (informações verbais).

Na verdade, não tem como incentivar muito, pra querer segurar alguém em casa. Por que não é que é ruim na agricultura, é bom. Se eu é pra morar na cidade eu não ia, uma porque a gente se criou na agricultura, não tem estudo; daí tu vai querer fazer o que trabalha na cidade por um salário mínimo. Mas eles tem a chance ainda, mas se alguém quiser ficar na família a gente apoia. Eu acho que é uma vida mais tranquila, porque na cidade é bastante corrido, tem que cumprir horário. (A8, informação verbal).

A relação pais e filhos é mediada por fatores afetivos e de respeito para com a escolha de cada um. De maneira geral, os filhos têm a opção de escolher se querem permanecer na agricultura ou ir em busca de outras escolhas de vida no meio urbano. A realidade cultural, social e familiar vivenciada pelos entrevistados está muito presente na forma como compreendem e possibilitam que os filhos façam suas próprias escolhas: “[...] não adianta fazer uma coisa que a gente não estudou, daí a gente pensa de novo, é melhor ficar onde a gente tá!” (A10, informação verbal). Para Monteiro (2004), “[...] parece haver uma associação forte entre a escolha profissional em torno da agricultura familiar e um nível de educação precarizado pelos que escolhem tal futuro.”

4.1 CONCEPÇÕES SOBRE O TRABALHO NO CAMPO

Na percepção dos participantes da pesquisa, a agricultura familiar proporciona qualidade de vida, como se pode perceber na fala do participante: “É o que a gente aprendeu, eu gosto do que estou fazendo hoje. A qualidade de vida na colônia ela é muito melhor do que na cidade e, principalmente, nas cidades grandes, nas nossas cidades mais pacatas, aqui é tranquilo de viver.” (A1). “[...] eu acho que é bom viver aqui; se a gente reclama eu acho que é pecado.” (A8). “Podia ser melhor, claro, a gente tá contente como a gente tá tem pra comer se diverti, mas não é que a gente tem pra esbanjar ou de sobra, mas não passamos necessidades e eu to contente com isso. Se não tinha isso, daí era ruim; pelos menos a gente tem pra viver. Trabalhar todo mundo precisa.” (A5) (informações verbais).

O trabalho na agricultura é a realidade a qual conhecem, e possuem confiança em relação ao que fazem. Em alguns casos, houve a tentativa de trabalhar na cidade, mas não se adaptaram a esse contexto, voltando para a agricultura, como o participante A8 relata: “[...] não me vejo fazendo outra coisa, morando na cidade, trabalhando no fechado, eu já trabalhei em firma, mas isso não é pra gente.” A liberdade de organização de seus horários, a flexibilidade, a autonomia em relação ao trabalho, o contato com a natureza, com espaços abertos e a dinâmica do clima foram apontados como questões positivas do seu fazer no campo, associado às facilidades das novas tecnologias: “Hoje nós podemos sentar na área de meio dia e tomar um chimarrão com a família; é a melhor coisa! Podemos folgar de meio dia.” (A2). “Hoje é muito melhor porque a gente não trabalha mais tanto na roça; é tudo mecanizado a gente arrumo as roças faz tudo com máquina.” (A9) (informações verbais).

Percebe-se, ainda, que eles já passaram por muitas dificuldades e sofrimentos, mas que esse sofrimento também é percebido de forma positiva, pois proporcionou seu amadurecimento e fez com que se tornassem mais fortes e resistentes diante das dificuldades que encontram no dia a dia do trabalho no campo. Quando questionados sobre algum problema de saúde físico e/ou psicológico, os participantes relataram maiores dificuldades físicas, como dores na coluna, cirurgias. As questões emocionais relatadas são insônia, estresse, medo, ansiedade e estão relacionadas a ques-

tões financeiras, às perdas do produto e do lucro em razão do clima, ao adoecimento dos animais, às dificuldades de investimentos em novas tecnologias e à desvalorização do produto: “[...] está ficando mais difícil. Que nem o preço do milho quantos anos já está esse preço, isso há 10 anos atrás já ganhava.” (A8, informação verbal).

Para Monteiro (2004), pressupõe-se que o agricultor familiar, membro da família, não realiza apenas um tipo de atividade de trabalho diariamente, mas, sim, várias atividades laborais, entre elas a gestão e a execução das tarefas rurais. Em decorrência disso, faz uso de posturas corporais incorretas, de máquinas e ferramentas diferentes, além de ter que tomar decisões a respeito do negócio, implicando algumas sobrecargas físicas, mentais e psicológicas. Assim, podemos perceber isso pela seguinte fala do entrevistado: “Não consigo dormir direito por preocupação, em alguns momentos, dependendo das dificuldades do dia a dia. Hoje eu tenho medo de certas coisas que há uns 10, 12 anos atrás eu não sentia essa dificuldade.” (A1). “Tem casos que é mais difícil, que não tem muita sobra e o lucro é pouco.” (A5) (informações verbais).

O comportamento dos agricultores familiares no enfrentamento desses incidentes e doenças e de suas condições de trabalho é, muitas vezes, o de negar esses riscos; mas, ao negá-los, também, acumula uma carga psíquica, que pode se manifestar na primeira situação de estresse que enfrentar, gerando quadros depressivos, dolorosos e patológicos em geral (MONTEIRO, 2004). “Dor na coluna é seguido, mas nada que um antiinflamatório não resolva.” (A8, informação verbal).

Entre os dez participantes da pesquisa, até o momento, nenhum faz uso de medicamentos psicotrópicos. Mas todos conhecem vizinhos ou familiares que fazem uso. Percebe-se que o assunto de adoecimento psíquico é um tema velado nesse contexto, mas existe o relato de alguns sintomas como ansiedade, estresse ou depressão dos casos que conhecem e, geralmente, vêm relacionados a questões físicas: “[...] eu levava meu cunhado bastante ele tinha bastante depressão, ele se preocupava muito com dinheiro trabalhava direto no sol quente, e daí já era.” (A4, informação verbal). Foi possível identificar que alguns participantes e seus familiares nunca tinham recebido informações sobre o que é saúde mental e sobre o trabalho do psicólogo, como na fala: “[...] não sei do psicólogo, vou ter que ficar loco para ver.” (A5, informação verbal).

5 CONCLUSÃO

De maneira geral, a percepção dos agricultores sobre o seu fazer do campo é positiva e remete a histórias de vida as quais foram moldadas por um contexto histórico e social, em uma época em que fazer escolhas não era uma possibilidade. Sábios e conscientes de suas possibilidades de vida e trabalho, conseguem oferecer aos filhos as opções que a vida negou a eles. Mesmo com o pesar de ver o filho saindo de casa e optando por uma vida diferente, também há o orgulho de poder propiciar a escolha a eles. Muitos aprenderam a gostar do que fazem, aprenderam e se acostumaram com a vida do campo, adaptando-se a cada fase da agricultura, e ao que nela era possível produzir para a sua sobrevivência.

Estima-se que existem poucas pesquisas, na área da Psicologia, sobre a saúde mental do trabalhador rural no Brasil. Nesse sentido, Bock (1997, p. 42) aponta que:

É preciso uma formação em Psicologia colada à realidade social brasileira. Uma formação impregnada à realidade. Uma formação que, ao ensinar as teorias e saberes acumulados, é capaz de falar da realidade vivida pela população brasileira. Uma formação que permita a entrada franca da realidade cotidiana. Uma formação que interage numa leitura ampla as várias dimensões da realidade.

Para tanto, esta pesquisa apresenta alguns apontamentos sobre a vida e cotidiano de agricultores familiares e as suas percepções sobre esse contexto. Discutindo as possíveis relações do trabalho no campo com o adoecimento psíquico, sugere-se que outras pesquisas sejam realizadas na área da Psicologia, principalmente, com agricultores familiares, uma vez que os municípios do Extremo-Oeste catarinense são, na maioria, de pequeno porte e com muitas famílias que sobrevivem da agricultura. Como foi apresentado no resultado da pesquisa, muitos não conhecem o trabalho do psicólogo, nunca tiveram acesso a esse profissional e muitos, por uma questão histórica e social, não reconhecem que há uma dimensão psíquica presente em suas vidas, e que esta também adoce.

The farmers relatives of perception on your make the field and psychic illness*Abstract*

The research aimed to know the perception of family farmers on their do in the field and the mental illness, including the main difficulties experienced and the coping strategies developed in relation to their daily work. The survey was conducted through qualitative method that seeks to understand the meanings and situational characteristics, and describe and analyze experiences through reflection, discussing the personal and collective experiences of the group. Data collection technique was used semistructured interview developed previously by the researcher. The participants were ten farmers of both sexes between the ages 45-50 years living and working in their farms in the municipality studied, the extreme west of Santa Catarina. Through this research it was understood that the perception of farmers about their work in the field is positive, the way they face their difficulties with regard to the strategies devised by them throughout their life stories and faced adversity in the field. There is the difficulty of recognizing and emotional issues relate to the physical or mental illness, issue is due to a historical context of life and subjective training.

Keywords: Family agriculture. Mental illness. Quality of life.

REFERÊNCIAS

- AMARO, Fernanda Aline Tavares; SASS, Simeão Donizeti. **Um estudo sobre a singularidade do adoecimento psíquico**. 2012. Artigo (Graduação em Psicologia)–Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Almedina, 2011. 125 p.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. Formação do Psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 17, n. 2, p. 37-42, 1997.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação das (os) psicólogas (os) em questões relativas à terra**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2013. 122 p.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432 p.
- ECHTERNACHT, E. H. O. **A produção social das lesões por esforços repetitivos no atual contexto da reestruturação produtiva brasileira**. 1998. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Produção)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- HOLMES, David. **Psicologia dos Transtornos Mentais**. São Paulo: Best Books, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Informações estatísticas**. 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=421730>>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.
- MONTEIRO, Janne Cavalcante. **O processo de trabalho e o desencadeamento dos agravos à saúde dos trabalhadores rurais: um estudo ergonômico na agricultura familiar em Santa Catarina**. Florianópolis, 2004.
- POLETTTO Ângela Regina; GONTIJO Leila Amaral. **A saúde mental**. Salvador, 2013. Disponível em: <www.abepro.org.br/.../enegep2013_TN_STO_180_026_23287.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- SILVA, Antônio Lucas Lopes. Análise e diagnóstico de uma unidade de produção agrícola familiar. **Revista de Administração IMED**, 2012. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/download/31769>>. Acesso em: 13 abr. 2015.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes históricas do Campesinato Brasileiro. Processos sociais agrários. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 20., 1996, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 1996. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Raizes%20Historicas%20do%20Campesinato%20Brasileiro%20%20Maria%20de%20Nazareth%20Baudel%20Wanderley%20-%201996.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

